

LÍNGUA, PODER E DIVERSIDADE CULTURAL NA OBRA LITERÁRIA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

André Luiz Sales
de Souza¹ João
Pedro Matos da
Silva²

Resumo

O presente trabalho visa, a partir do capítulo 3 (três) do livro *Vidas Secas* (1969) de Graciliano Ramos, analisar alguns aspectos que geralmente norteiam as discussões sobre a influência da língua nas relações interpessoais e sociais, de modo que nos leve a compreender como se dar esse processo seja na forma prática e/ou teórica, além da importância e o poder que a linguagem exerce nesse contexto. É por meio dos personagens presentes na história que perceberemos como a linguagem empregada pelos mesmos refletem comportamentos, indicam características identitárias e exercem relações de poder. Nessa análise, percebe-se ainda que a língua não é apenas um meio de garantir uma convivência harmoniosa em sociedade, mas uma ferramenta a serviço dos falantes carregada de poder e representativa da diversidade cultural. Observa-se, nesse capítulo que a língua é usada como objeto de opressão constante, como ferramenta de poder sobre a linguagem tida como “inferior”.

Palavras-Chave: *Poder, Linguagem, Diversidade cultural, Vidas Secas e Identidade*

Abstract

The present work, from chapter 3 (three) book *Barren Lives* (1969) from Graciliano Ramos, analyze some aspects that usually guide the discussions about the influence of language in interpersonal and social relationships, so that leads us to understand how to get this process to be as practical and/or theoretical, and the importance and the power that language plays in this context. It is through the characters present in the story that we perceive as the language employed by them reflect behaviors indicate identity characteristics and exert power relations. In this analysis, it is still noticed that language is not just a means of ensuring a harmonious coexistence in society, but a tool in the service of the speakers loaded with power and representative of cultural diversity. It is noted in this chapter that language is used as the object of constant oppression, as a tool of power over language regarded as "poor".

Keywords: *Power, Language, Cultural, Barren Lives and Identity*

1. INTRODUÇÃO

No Brasil é um caso cultural o fato de uma variedade linguística ter prestígio ou não. Esse pensamento já foi imposto logo que aconteceu nossa colonização por Portugal. Ao chegar e impor o português para os nativos, naturalmente ocorreu uma assimilação (a mistura entre falas nativas e falas do colonizador), porém por serem os nativos considerados inferiores, sua linguagem também é tida como inferior assim priorizando o falar “puro” sem “erros”. Nesse sentido, esse trabalho visa, a partir do capítulo 3 (três) do livro *Vidas Secas* (1969) de Graciliano Ramos, analisar principalmente o papel da língua nas relações sociais que envolvem o personagem Fabiano, bem como, a influência de poder que está imbricado nesse contexto, em que a língua é usada como objeto de opressão constante, como ferramenta de poder sobre a linguagem tida como “inferior”. Percebe-se ainda que a língua não é apenas um meio de garantir uma convivência harmoniosa em sociedade, mas uma ferramenta a serviço dos falantes carregada de poder e representativa da diversidade cultural.

2. A OBRA

Por meio das observações de SANTOS (2004), a obra de Graciliano Ramos nasce na segunda fase do Modernismo trazendo uma crítica mais realista a problemas comuns do sertão como a seca, a opressão sobre o homem do campo e a miséria tanto física como psicológica. “*Vidas Secas* (1969)” apresenta um retrato da situação do homem no nordeste e as problemáticas enfrentadas pelos personagens, que são: as dificuldades naturais decorrentes da escassez de chuvas; os problemas sociais causados pela opressão coronelista e o distanciamento do governo perante a vida camponesa representada pela família de Fabiano.

Segundo SANTOS (2004), Fabiano é apresentado como um vaqueiro bruto e ignorante que tem essas mesmas características como modo de sobreviver aos diferentes obstáculos que enfrenta no decorrer da obra; seu sonho é se tornar um homem mais culto como o Seu Tomás. Ele tem certa dificuldade de se comunicar com outras pessoas e por isso prefere os animais, o que curiosamente o torna muitas vezes mais parecido com “bicho” do que com “homem”. Sinhá Vitoria a esposa

de Fabiano é uma mulher muito trabalhadora, e como seu marido, pouco comunicativa; o que torna o diálogo entre eles em muitos trechos do livro como uma sucessão de ruídos, o sonho dela é ter uma vida material mais confortável que é representada pelo seu desejo de possuir uma cama semelhante à de Seu Tomás.

Os filhos do casal apresentam uma perda de identidade pelo fato de serem lembrados como o menino mais velho e o menino mais novo, respectivamente, os sonhos deles são ter um amigo e se tornar um vaqueiro como o pai. Baleia, que é provavelmente a personagem principal do livro, é a cachorra da família que ao passo que seus donos são animalizados, a cachorra ganha características mais humanas. Já os outros personagens que irão aparecer na obra serão melhor analisados no decorrer do presente texto.

3. DISCUSSÃO

3.1 - Resumo do Capítulo 3 – A Cadeia

Neste capítulo em particular, Fabiano chega à cidade para realizar algumas compras para a família, insatisfeito com os produtos que encontra ele vai até o bar para beber e logo é convidado pelo Soldado Amarelo para uma partida de trinta-e-um. Durante a partida, Fabiano perde na mesa de jogo o dinheiro que trouxera, então enfurecido abandona a partida. Ele segue pela rua tentando buscar alguma desculpa para se explicar a Sinhá Vitoria, quando encontra novamente o Soldado Amarelo que dá um pisão no pé do vaqueiro. Fabiano contém a raiva e novamente o soldado dá outro pisão, no qual Fabiano esbraveja um palavrão que o oficial utiliza como pretexto para prender o homem, logo, o vaqueiro é espancado e jogado na cadeia onde se lamenta de sua situação. Sentindo-se injustiçado Fabiano faz uma reflexão de seu estado e conclui: sendo o homem que era ele (Fabiano) deveria realmente se subjugar a vontade dos outros?

3.2 - Diversidade cultural, identidade e cidadania

Para entender-se um pouco do contexto da história é preciso localizá-la no tempo- espaço. A história narrada no capítulo 3 (três) ocorre muito provavelmente na década de 30, período em que o livro foi escrito, quando estava instaurado o governo Vargas e apresenta como cenário o sertão nordestino, especificamente a Caatinga, com um local de opressão constante da natureza pelas difíceis condições de sobrevivência e pelo governo abusivo (SCHMIDT, 2005).

É notável neste capítulo, que a língua é usada como objeto de opressão constante. Em tal cenário vivem dois personagens de diferentes graus de formação, Fabiano é um homem do sertão, não entende de leis muito menos da “forma certa” de se falar o português, é fácil de ser pressionado e se enfurece rapidamente. Fala-se aí de aspectos culturais que caracterizam o personagem a se estudar, o motivo principal que leva Fabiano a ser preso pelo soldado amarelo é devido ter soltado um palavrão.

A língua, a forma de falar, a forma de expressar as palavras estão fundamentadas na cultura e na identidade de um povo, na situação em que Fabiano se depara com o soldado amarelo é um momento onde a língua é usada como obtenção de poder, ou seja, pode mais quem fala melhor:

Dessa forma, todas as questões que envolvem o uso da língua não são apenas questões linguísticas; são também questões políticas, históricas, sociais e culturais. Não podem, portanto, ser resolvidas somente com um livro de gramática ou à luz do que prescrevem os comandos de alguns manuais de redação. (ANTUNES, 2009).

A língua está inserida na identidade cultural de um povo. Desde os primórdios, a forma de falar já estava associada à identidade cultural. Em nosso país, por exemplo, é comum encontrar a diversidade cultural em qualquer cidade, região ou estado, assim a miscigenação e a mistura de diferentes raças e etnias se difundem fazendo com que a diversidade exista.

Nesse cenário o personagem central do Capítulo 3 (três) de *Vidas Secas* (1969) é Fabiano, um homem de características rudes, sua linguagem é carregada de regionalismo e arcadismos. Por ser um homem que sempre viveu na roça ele sente-se bem quando está nas zonas rurais o que explica o trecho: “Na caatinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.” O personagem também não demonstra nenhuma intimidade com a vida social,

pela sua pouca comunicabilidade ou com a vida política, pois não apresenta nenhuma referência ou desejo político, o que pode ser reforçado pelo fato de na década de 30, segundo SCHMIDT (2005), havia pouco interesse do Estado pelo campo, principalmente após a crise de 29.

A relação de Fabiano com o Soldado Amarelo não era muito amistosa o que pode simbolizar uma crítica ao governo Vargas. Fabiano dá a entender que não podia votar, já que não estava no mesmo nível de Seu Tomás como se vê no trecho “Seu Tomás era pessoa de consideração e votava.” Portando a linguagem de Fabiano é reflexo desse contexto mostrando um homem ignorado pelas instituições urbanas das quais não teve acesso.

Enquanto o soldado Amarelo é um homem que nasceu na vida urbana, conhecia as leis, e por isso sabia ler e exercer seus direitos, foi sabendo disso que ele usou seu conhecimento para perturbar Fabiano a ponto de prendê-lo por desacato a autoridade. As observações apresentadas foram retiradas das falas e ações dos dois personagens e mesmo falando a mesma língua é possível perceber que os dois se comunicam de modos diferentes.

3.3 - A variação linguística nas falas de Fabiano e do Soldado Amarelo

Para BAGNO (2009), a língua não é algo fixo como uma obra bem acabada, mas na verdade um ente fluido que sempre vai se alterando devido às necessidades dos falantes. Essas alterações são chamadas de variações linguísticas, as quais recebem classificações a partir de características de variação cronológica, geográfica, social entre outras. Em suma o que caracteriza uma variação é o contexto em que ela é encontrada, pois é o falante que modifica segundo suas necessidades conscientes ou inconscientes. Logo, a língua portuguesa é um conjunto de variações de falares.

Graciliano Ramos, em sua obra *Vidas Secas* (1969) retrata uma dessas variedades, mas se observa mais atentamente a discussão das personagens Fabiano e O Soldado Amarelo, pode-se identificar duas variedades dentro do mesmo local. Isso decorre do fato de, como já foi discutido, o vaqueiro vem de um meio mais

rural enquanto o oficial vem de um meio mais urbano. Prova de que mesmo dividindo um mesmo espaço geográfico existe variação necessariamente pelo contexto em que cada uma das personagens vivem, um rural e outro urbano, portanto ocorre uma variação diatópica.

A variação pode ocorrer em todos os níveis da língua (BAGNO, 2007), no caso em questão podemos perceber que algumas dessas variações, mas mesmo assim a estrutura permanece coerente entre os dois falares, pois é possível entender o que cada um fala. Para explicar isso ele defende que as variações não são caóticas, mas seguem uma transformação ordenada, como no caso da fala de Fabiano: “Por que é que vossemecê bota água em tudo?”

A estrutura do pronome de tratamento “vossemecê” que é um arcadismo, se o sujeito aparecer antes do verbo “bota” que é seguido de um complemento pelo verbo ser transitivo, é mantida inalterada apesar das alterações dos sintagmas “vossemecê” e “bota”. Portanto “toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional” (BAGNO, p.48).

3.4 - Como analisar as variedades linguísticas?

Para melhor compreensão de como ocorre a variação linguística nas falas dos dois personagens, faz-se uso dos parâmetros de análise criados por BORTONI-RICARDO (2004) chamados de contínuos: *de urbanização*; *de oralidade-letramento*; *monitoração estilística*. O *continuo de urbanização* refere-se ao local onde se constitui a linguagem do falante, pois os falantes das zonas rurais têm mais características em comum do que os de zonas urbanas, esse contínuo garante a percepção de traços regionais desde sotaques a formação das palavras. O *continuo de oralidade-letramento* refere-se no que a fala usa como referencial, se ela se apóia ou não em um texto escrito, pois existe uma clara dicotomia entre oralidade e escrita, por exemplo, na oralidade a repetição da mesma ideia é um recurso de ênfase enquanto na linguagem escrita é considerado um erro de redundância. O *continuo de monitoração estilística* se refere a quanto o falante controla sua linguagem para atender alguma exigência no modo de falar, isso pode ocorrer dependendo do ambiente, do interlocutor ou o tópico da conversa. BORTONI-RICARDO usa o termo contínuo por definir que não existem fronteiras rígidas nas variantes

linguísticas.

Observando a fala de Fabiano dirigida ao dono da quitanda: “– Por que é que vossemecê bota água em tudo?”

+Rural O----- + Urbano
+ Oral O----- + letrado
- monitorado O----- + monitorado

O personagem é um vaqueiro que viveu boa parte da sua vida no campo mudando-se de fazenda em fazenda por isso sua linguagem apresenta fortes traços rurais como, por exemplo, o arcadismo “vossemecê” que é uma derivação de Vossa mercê o qual nas zonas urbanas já se transformou em Você (BORTONI-RICARDO, 2004). Muito provavelmente Fabiano é analfabeto, pois dar-se a entender isso pelo seu pouco conhecimento formal e por não usar nem um texto ou se apoiar por memória em palavras já conhecidas ele está no campo da oralidade, além disso, ele falou no calor da emoção ao se indignar com Seu Inácio dono da quitanda, por isso não há nenhuma monitoração.

“– Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?”

+Rural -----O + Urbano
+ Oral O----- + letrado
- monitorado O----- + monitorado

Em oposição a Fabiano o Soldado Amarelo vem de um meio urbano, por isso é comum encontrar em sua fala em vez do pronome de tratamento “vos mecê”, substantivos tais como “paisano” e “camarada”. Como o vaqueiro, ele não se apóia em textos e por isso sua fala esta no campo da oralidade. E por provavelmente considerar Fabiano inferior a ele, o soldado não tem preocupação em se monitorar.

Por fim, uma fala de Fabiano dirigida ao Soldado Amarelo:

“– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.”

+Rural O ----- + Urbano
+ Oral O----- + letrado
- monitorado ----- O + monitorado

Percebe-se que a pouca alteração na fala de Fabiano, a grande diferença é que o personagem esta diante de uma autoridade e por isso ele toma mais cuidado com o que fala o que pode ser identificado por ele temer a autoridade ou tentar se colocar numa posição mais igual com o soldado, com ele está escolhendo o que fala, isso torna um claro sinal de monitoramento.

Logo haverá um choque entre duas variações, esse choque pode ocorrer de forma amistosa ou conflituosa. No caso da história aqui apresentada não acabará muito bem, pois Fabiano será preso, mas já no início dessa análise pode-se observar que quando o Soldado Amarelo se dirige ao vaqueiro não há preocupação com a monitoração. Já no caso inverso existe monitoração por parte de Fabiano o que mostrara como uma variação pode se sobrepôr a outra por puro preconceito e como isso pode instaurar uma situação de poder de uma variante sobre a outra.

3.5 - Poder

A referência à cor amarelada do soldado se deve provavelmente a icterícia, causada pela falta de ferro em seu sangue e a concentração de bilirrubina que é um sinal de desnutrição e apresenta uma coloração amarelada na pele (OLIVEIRA FILHO, 2010). Comparado a um vaqueiro do sertão como Fabiano era óbvio a diferença de força e habilidade física que tornava o vaqueiro mais assustador que o oficial, ainda assim Fabiano foi intimidado e subjugado pelo Soldado Amarelo. Mesmo diante da discrepância física entre os dois o homem do governo tinha mais poder e isso é claramente transmitido neste ponto do diálogo entre os dois:

“– Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

“Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

“– Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.”

Essa diferença de poder fazia o Soldado usar constantemente de frases no imperativo afirmativo e obrigava Fabiano a tentar apresentar um falso poder nas palavras de Seu Tomás. Outra expressão de poder do soldado era o uso de formas de tratamento como “camarada” e “paisano” forçando uma falsa relação entre o oficial e outra pessoa para o primeiro substantivo e para o segundo uma possível colocação de uma ordem hierárquica que é logo precedida de um verbo no imperativo afirmativo.

Essa demonstração de poder aparece na primeira citação já apresentada acima, pois Fabiano é um admirador de Seu Tomás porque ele fala com mais competência comunicativa, possui mais estudo que o próprio vaqueiro e por saber ler e escrever tinha direito de voto, uma expressão clara de poder. Por esta competência vinha à admiração de Fabiano pelo homem de imagem culta que teria domínio de seu destino, pois Fabiano era um homem conformado com sua vida e acreditava que o talento de Seu Tomás o tornava um homem capaz de mudar seu próprio destino, o que explica o lamento de Fabiano em relação ao desaparecimento do homem culto. Assim sendo, para Fabiano Seu Tomás é uma pessoa detentora de poder e mais especificamente um poder que o vaqueiro almeja.

4. *COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA E COMUNICATIVA*

Ainda focando no personagem Fabiano ele apresenta possuir competência linguística que segundo BORTONI-RICARDO (2004) é a capacidade do falante de conhecer a estrutura da língua em que se comunica, bem como o vocabulário, essa competência permite ao falante domina a sua forma de expressão por meio da língua. Como o vaqueiro conhece o português como língua materna ele tem competência linguística para usá-la, mas tem certa dificuldade de apresentar seus pensamentos em palavras. Como visto no trecho:

O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. (RAMOS, 1969)

Essa falta de habilidade para se comunicar se chama competência comunicativa (BORTONI-RICARDO, 2004) que é a capacidade que o falante tem para transitar entre varias variantes e utilizar de formas mais cultas. Fabiano não desenvolveu essa competência e isso faz com que ele geralmente se expresse com grunhidos e muito provavelmente por linguagem corporal. A falta de habilidade com a comunicação também o torna mais fechado, fazendo-o falar pouco e por vezes agir como um animal. Outro fato é que Fabiano se sente inferiorizado por sua carência comunicativa.

5. CONCLUSÃO

Assim, observa-se que língua portuguesa, o poder e a diversidade cultural estão intimamente ligados pelo fato da língua ser um ente heterogêneo, ou seja, quantos mais variantes se podem reconhecer dentro de uma mesma língua maior será sua riqueza cultural e maiores as chances dessa mesma língua sobreviver, se difundir e se transformar. A língua, como já foi dito, não é apenas um arranjo de palavras, ela representa ideias, traz contextos, permite conhecer a história da pessoa que fala e identifica sua origem, é um instrumento de identidade. Ela pode reunir pessoas de traços semelhantes ou como no texto separá-las, o poder que uma língua exerce está mais relacionada às instituições que se apropriam dela. O poder judiciário se apropria de um variante ao qual chama de forma Padrão e subjugaram todos os outros a forma não-padrão e com isso um homem comum como o Soldado Amarelo alcançou uma patente de oficial para oprimir quem não se enquadrava a esta ordem estabelecida. Fabiano era um homem inculto, mas carregava um conhecimento da caatinga que futuramente salvaria até o soldado. Então o conhecimento do vaqueiro não é em nada inferior ao de qualquer outro homem, o que se precisa entender é que existem variações, elas tornam a língua mais rica. A língua é um patrimônio imaterial que mais importante que ser preservado precisa ser respeitado em todas as suas variedades.

6. REFERENCIAS

ANTUNES, Irandé. Língua e identidade cultural de um povo. In:_____.
Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009. Cap. 1,
p. 19-31.

BAGNO, Marcos. Mas o que é mesmo variação linguística? In:_____.**Nada na
língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo:
Parábola, 2007. Cap. 2, p. 35-57.

_____.É certo ou errado falar assim? In:_____. **Não é errado falar
assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009. Cap. 3, p.
41-54. 11

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O português brasileiro. In:_____.
Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo:
Parábola, 2004. Cap. 5, p. 51- 70.

_____.Competência comunicativa. In:_____. **Educação em língua
materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004. Cap.
6, p. 71-78.

OLIVEIRA FILHO, Ércio Amaro de. **Icterícia do recém nascido**. ABC da Saude
Informações Ltda., 2001, sessão artigos. Disponível:

<<http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?250> > . Acessado em: 16 out. 12.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

SANTOS, Karen Christine dos. Ficha Técnica Obra: Vidas Secas. **Vestibular1**,
Ago. 2000, sessão resumos.Disponível em:< www.vestibular1.com.br>. Acessado
em: 15 out. 2004, 09:56:00.

SCHMIDT, Mário Furley. **Nova História Crítica** - Ensino Médio - Volume
Único. São Paulo: Nova Geração, 2005.

7. ANEXO

Capítulo III – Cadeia

Fabiano tinha ido à feira da cidade comprar mantimentos. Precisava sal, farinha, feijão e rapaduras. Sinhá Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha. Mas o querosene de seu Inácio estava misturado com água, e a chita da amostra era cara demais.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. A tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.

Aí certificou-se novamente de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha água. Por que seria que seu Inácio botava água em tudo? perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro:

– Por que é que vossemecê bota água em tudo?

Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira. Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:

– Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:

– Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, a corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

– Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o

baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano encalacrou-se também. Sinhá Vitória ia danar-se, e com razão.

– Bem feito.

Ergueu-se furioso, saiu da sala, trombudo.

– Espera aí, paisano, gritou o amarelo.

Fabiano, as orelhas ardendo, não se virou. Foi pedir a seu Inácio os troços que ele havia guardado, vestiu o gibão, passou as correias dos alforjes no ombro, ganhou a rua.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou com Sinhá Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a Sinhá Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para Sinhá Rita louceira. Atrapalhava-se tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de Sinhá Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. Arruinaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levaria sumiço. Falaria assim: – "Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo" Não, não encontrara ninguém. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. Pois estava acabado. O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Inácio. Natural.

Repetia que era natural quando alguém lhe deu um empurrão, atirou-o contra o jatobá. A feira se desmanchava; escurecia; o homem da iluminação, trepando numa escada, acendia os lampiões. A estrela papa-ceia branqueou por cima da torre da igreja; o doutor juiz de direito foi brilhar na porta da farmácia; o cobrador da prefeitura passou coxeando, com talões de recibos debaixo do braço; a carroça de lixo rolou na praça recolhendo cascas de frutas; seu vigário saiu de casa e abriu o guarda-chuva por causa do sereno; Sinhá Rita louceira retirou-se.

Fabiano estremeceu. Chegaria a fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro. Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

– Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

– Desafasta, bradou o polícia.

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.

– Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiúna em cima da alpercata do vaqueiro.

– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

– Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

– Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando.

– Hum! hum!

Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se

tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir.

– Bem, bem.

Passou as mãos nas costas e no peito, sentiu-se moído, os olhos azulados brilharam como olhos de gato. Tinham-no realmente surrado e prendido. Mas era um caso tão esquisito que instantes depois balançava a cabeça, duvidando, apesar das machucaduras.

Ora, o soldado amarelo... Sim, havia um amarelo, criatura desgraçada que ele, Fabiano, desmancharia com um tabefe. Não tinha desmanchado por causa dos homens que mandavam. Cuspiu, com desprezo:

– Safado, mofino, escarro de gente.

Por amor de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorrinha. Engatinhando, procurou os alforjes, que haviam caído no chão, certificou-se de que os objetos comprados na feira estavam todos ali. Podia ter-se perdido alguma coisa na confusão. Lembrou-se de uma fazenda vista na última das lojas que visitara. Bonita, encorpada, larga, vermelha e com ramagens, exatamente o que Sinhá Vitória desejava. Encolhendo um tostão em côvado, por sovinice, acabava o dia daquele jeito.

Tornou a mexer nos alforjes. Sinhá Vitória devia estar desassossegada com a demora dele. A casa no escuro, os meninos em redor do fogo, a cachorra Baleia vigiando. Com certeza haviam fechado a porta da frente.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho.

Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam

cipó de boi oferecia consolações: – "Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita."

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

– An!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.

Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? Os outros presos remexeram-se, o carcereiro chegou à grade, e Fabiano acalmou-se:

– Bem, bem. Não há nada não.

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de Sinhá Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.

– An!

Estava tudo errado.

– An!

Tinham lá coragem? Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catinga.

Tinha graça. Não dava
um caldo.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinhá Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinhá Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinhá Vitória, inquieta, com certeza fora muitas

vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

Pobre de Sinhá Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos agüentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da idéia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil

pensar. Vivia tão agarrado aos bichos. .. Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história

entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos.

Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto.

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo

sertão a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, Sinhá Vitória tropicava debaixo do baú de trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.

Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para agüentar facão. Era o que ele queria dizer.

E havia também aquele fogo-corredor que ia e vinha no espírito dele. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. E doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo.

Pobre de Sinhá Vitória, inquieta e sossegando os meninos. Baleia vigiando, perto da trempe.

Se não fossem eles...

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.

Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que se queixava das pulgas. Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.